

Macroeconomia

JANEIRO DE 2022

1. INTRODUÇÃO

2021 acabou sendo um excelente ano para os produtores agrícolas: os preços de *commodities* tiveram alta de 50,72% no ano passado, segundo o Índice de *Commodities* Brasil (IC -Br), no qual só o setor agropecuário viu alta de 45,23%.

Com a inflação assustando, os juros na economia americana deverão subir em breve e isso tem grande potencial de mexer bastante na alocação de recursos dos fundos de investimento, o que pode afetar o valor do Real.

O plano quinquenal chinês traz algumas novidades que, no longo prazo, podem ser ruins para o agronegócio brasileiro como um todo, como será apresentado adiante.

Além da crise no leste do continente, a Europa também sofre bastante com a variante Ômicron, que segue batendo recordes de infectados e as medidas para tentar conter esse crescimento impactaram a economia.

Outro ponto de destaque é o acordo que entre ministros da agricultura da África e da América, buscando uma agenda comum com foco na inovação, na sustentabilidade e na rentabilidade.

O Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária do Brasil no ano passado foi estimado em R\$ 1,12 trilhão, que seria superior ao PIB da maioria dos países da América, sendo a sétima maior economia da região.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Os Estados Unidos cresceram 5,71% em 2021, maior avanço desde 1984, após a grande queda de 2020, que foi a maior queda em 74 anos. Com isso, os dados de salários e emprego estão muito aquecidos. Isso é um bom sinal para o Brasil, pois aumenta a probabilidade de virem mais investimentos para o Brasil e crescer a demanda por café e aço brasileiros.

Com o final de 2021, a inflação americana foi a mais alta desde 1982. Com isso, o *Federal Reserve* (FED) deve aumentar os juros já em março, o que deverá fazer alguns investidores deixarem o Brasil para investirem em títulos do Tesouro norte-americano.

Mesmo com esse aumento de juros no radar, o Dólar caiu perante uma cesta de moedas, com pressões de outros países, como a Rússia e a China, que estão vendendo parte de suas reservas em Dólar, e dos próprios investidores americanos, que estão apostando na recuperação da economia fora dos EUA.

A economia europeia cresceu apenas 0,3% no quarto trimestre, com crescimento anual estimado em 4,7%. A Alemanha, que já foi a locomotiva da União Europeia, está crescendo bem lentamente após a pandemia.

Na questão agrícola, a União Europeia colocou em discussão a revisão das ajudas aos setores ligados ao agro e seu alinhamento em relação às novas diretrizes da Política Agrícola Comum e do *Green Deal* europeu. No caso da agricultura, o sistema busca pagar para os agricultores pelas supostas perdas para que mantenham a biodiversidade no local.

A China cresceu 8,1% em 2021, próximo do que os analistas esperavam e acima da meta de crescimento do governo chinês. O porém foi que, apesar da produção industrial aumentar, o consumo cresceu pouco. Isso mostra que a produção possa ser menor no próximo ano. Nesse cenário, várias consultorias creem em crescimento próximo aos 4% para 2022.

No plano quinquenal chinês, na parte de agricultura, um ponto chama atenção: o país adicionou “carne cultivada e outras comidas do futuro”. No curto prazo, nada deve mudar, mas como o país é um dos maiores consumidores de carne e de ovos do mundo, isso pode indicar menor demanda dos produtos “tradicionais” nos próximos anos. Alguns bilionários, como Bill Gates, também investem nesse mercado, buscando a produção de carne sem abate.

Mesmo com a crise na cadeia de suprimentos, a economia japonesa, muito dependente de chips, deve crescer em 2022, mas depende ainda da evolução da variante Ômicron, que já fechou fábricas na China.

A expectativa de crescimento da economia tailandesa ficou entre 3,5 e 4,5%, mesmo sofrendo bastante com o turismo em baixa. Na agricultura, o país sofre com a gripe suína, com redução significativa do rebanho, o que gerou pedidos por partes de alguns grupos para importação de carne suína.

A economia da Coreia do Sul cresceu no ritmo mais rápido dos últimos 11 anos, crescendo 3%, com o aumento da demanda por chips e a exportação em alta.

Macroeconomia

JANEIRO DE 2022

A Argentina chegou a um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para reestruturar o pagamento de uma dívida de mais de 40 bilhões de dólares, com o país vizinho ganhando um período de carência em troca de que buscará redução o déficit fiscal até 2025 ou 2026. A inflação de 2021 ficou em 50,9% e o déficit atual está em 2,5% do PIB.

A Colômbia também teve muitos problemas durante o ano de 2021, com *rating* de investimento indo para o status de *junk* (lixo). O déficit provavelmente atingirá cerca de 5,6% do PIB no quarto trimestre, segundo o banco central colombiano. Para dificultar, as eleições presidenciais ocorrerão em maio.

3. BRASIL

Segundo o boletim Focus do dia 28 de janeiro, o PIB esperado para 2022 está em 0,3%, pois os dados do final de 2021 foram fracos, principalmente nas vendas no varejo, bem abaixo do esperado para o final do ano, e dos dados do IBC-Br só terem saído do vermelho em novembro.

A expectativa da inflação, segundo o mesmo relatório, está em 5,38% para 2022. A nova onda de coronavírus é uma das forças causadoras dessa inflação em alta, pois tem o potencial de diminuir a oferta já reduzida no mercado internacional.

A taxa de juros deve subir acima dos 10% em fevereiro, segundo informações divulgadas na imprensa por alguns economistas, além da própria sinalização de diretores do Banco Central, em declarações públicas. Isso significaria que a taxa de juros voltaria a ficar acima da inflação, encarecendo assim os empréstimos e aumentando assim a demanda por recursos do Plano Safra, com juros abaixo desse patamar.

O dólar previsto para 2022 está em R\$ 5,60, sem muitas mudanças nas últimas semanas. O aumento dos juros no Brasil e o avanço da crise entre EUA e Rússia podem mudar bastante esse cenário.

O número de desempregados caiu no trimestre finalizado em novembro, segundo dados do IBGE, ficando em 11,6%, uma redução de 1,5 milhão de pessoas sem emprego e o número de pessoas sem ocupação é 12,4 milhões.

A balança comercial brasileira fechou o ano de 2021 com superávit de US\$ 61 bilhões,

O petróleo Brent iniciou janeiro cotado a US\$ 77,78, mas a questão da Rússia e da Ucrânia fez com que os preços disparassem quase 15% no mês de janeiro, fechando o mês com preço de US\$ 89,26, mesmo com os esforços da administração Biden de liberar parte dos estoques americanos.

O índice de preço de alimentos da FAO caiu 0,89% em dezembro. Apenas o índice de laticínios apresentou aumento, devido aos aumentos no leite desnatado e na manteiga. Já óleos vegetais (-3,16%) refletindo a queda na cotação dos óleos de palma e de girassol, açúcar (-3,16%), grãos (-0,64%) e carnes (-0,18%) apresentaram queda no mês.

crescimento de 21,1% em relação ao ano de anterior e superando o recorde de US\$ 56 bilhões de 2017.

Já a balança comercial do agronegócio teve um superávit de US\$ 105,1 bilhões em 2021. O valor é 19,8% maior que em 2020, e foi acompanhado de um recorde histórico no valor de exportações. Os embarques totalizaram US\$ 120,6 bilhões, uma alta de 19,7% ante 2020. A China seguiu sendo o principal destino das exportações brasileiras de produtos agrícolas.

O índice de commodities Brasil (IC-Br) teve queda de 0,71% em dezembro na comparação com novembro. O maior avanço veio do segmento de metais, com alta de 2,3%, seguido pela agropecuária, com alta de 0,62%; já o de energia (7,72%) apresentou forte queda pelo segundo mês seguido.

A Lei Orçamentária Anual foi aprovada em dezembro, com algumas emendas para a agricultura familiar, como R\$ 250 milhões para fomento da atividade, R\$ 600 milhões para o Programa de Aquisição de Alimentos, R\$ 200 milhões para Pesquisa e desenvolvimento de tecnologias agropecuárias e R\$ 100 milhões para inclusão e estruturação produtiva de pequenos e médios produtores.

O Pronaf também aumentou, saindo de R\$ 3,38 bi para R\$ 4,13 bi; também é ressaltado o crédito fundiário – Terra Brasil com grande aumento, passando para R\$ 469 milhões.

Houve uma redução importante nos recursos para formação de estoques públicos, saindo de R\$ 1,4 bi para R\$ 469 mi, o que aumenta a vulnerabilidade do país a choques de preços externos e internos.